



O FILOSOFAR O SENTIR E A FINALIDADE DAS RELAÇÕES HUMANAS

Conferência de encerramento
Prof. Dr. Bortolo Valle

O PATHOS DA FILOSOFIA ENTRE O PASSADO E O FUTURO



O PATHOS DA FILOSOFIA ENTRE O PASSADO E O FUTURO

Bortolo Valle¹

Heidegger em *O que é a filosofia*, assevera que a atividade filosófica, em sua origem, se situa numa condição de onde brota o filosofar; assim, toda a filosofia possui em sua gênese um **pathos** fundamental. No percurso da investigação sobre a natureza da filosofia, o pensador alemão afirma existir uma *dis-posição* afetiva fundamental subjacente à reflexão, um *ser dis-posto* inerente ao filósofo, isto é, exposto, iluminado e assim entregue ao serviço daquilo que é. O próprio ato de traduzir **pathos** como dis-posição se configura como uma estratégia para afugentar uma aceção estritamente psicologizante, de acordo com o filósofo:

Traduzimos habitualmente *páthos* por paixão, turbilhão afetivo. Mas *pháthos* remonta a *páskhein*, sofrer, aguentar, suportar, tolerar, deixar-se levar por, deixar-se con-vocar por. É ousado, como sempre em tais casos, traduzir *páthos* por dis-posição, palavra com que procuramos expressar uma tonalidade de humor que nos harmoniza e nos con-voca por um apelo. Devemos, todavia, ousar esta tradução porque só ela nos impede de representarmos *páthos* psicologicamente no sentido da modernidade²

A *dis-posição* se configura fundamentalmente como uma tonalidade afetiva que nos harmoniza e nos convoca por um apelo, para além de uma mera sucessão de sentimentos incidentais, uma vez que:

¹ Professor Titular do programa de pós-graduação (mestrado e doutorado) da PUCPR. Professor titular do Centro Universitário Curitiba – UNICURITIBA e da Faculdade Vicentina – FAVI.

² HEIDEGGER, Martin. *O que é a Filosofia*. In: Conferências e escritos. Trad. Ernildo Stein. São Paulo, Nova Cultura. 1999.

[...] o nosso comportamento é cada vez dis-posto desta ou daquela maneira. A dis-posição não é um concerto de sentimentos que emergem casualmente, que apenas acompanham a correspondência. Se caracterizamos a filosofia como uma correspondência dis-posta, não-posta, não é absolutamente intenção nossa entregar o pensamento às mudanças fortuitas e vacilações de estados de ânimo.³

A filosofia assim, não é produto do acaso, não é resposta a imperativos externos retorcidos por forças de profundidade aparente. Ela não é resposta útil a qualquer exigência social, política, econômica. Ela não é satisfação comodante, tampouco requisito de índole métrica; auspício de academias e de políticas de disciplinas e financiamento; não se compromete com mercados. Ela não é útil como, com singularidade, nos advertiu Pierre Hadot ao afirmar "... a tarefa da filosofia é mesmo a de revelar aos homens a utilidade do inútil ou, em outras palavras, ensiná-los a distinguir entre os dois sentidos da palavra "útil""⁴.

Se o *pathos* é a sutil dis-posição atestada por Heidegger a que utilidade esteve e estará vinculada a Filosofia? Certamente à aquela que resiste a todo e qualquer fim utilitarista. A disposição filosófica, se recolhermos sua história, guarda afinidade com os horizontes de gratuidade e livre interesse, onde o espírito foi cultivado com liberdade e sempre rompeu delirantes lógicas de justificação. Apartados das somas e das celeridades, podemos, na esteira de Rilke em suas *Cartas a um jovem poeta*, comungar da convicção de que o fazer filosófico "não significa calcular e contar, mas sim amadurecer como a árvore, que não apressa a

³ HEIDEGGER, Martin. O que é a Filosofia. In: Conferências e Escritos. Trad. Ernildo Stein. São Paulo, Nova Cultura. 1999.

⁴ HADOT, Pierre. "La philosophie est-elle un luxe?", in *Exercices spirituels et philosophie antique*. Paris, Albin Michel, 2002, p.362-3.

sua seiva e enfrenta tranquila as tempestades da primavera, sem medo de que depois dela não venha nenhum verão⁵.”

Até aqui nos trouxe a filosofia! Para onde ela nos conduzirá?

Uma resposta é desafio que se desenha nos contornos do *pathos* criador. No ambiente grego, a Filosofia brota na sequência das forças primordiais cantadas pela épica poesia. Do *Caos* e da *Ordem*, alheios à vontade humana, apresentou-se inexorável o **espanto** como condição criadora. Heidegger recorda que Platão no *Teeteto*, menciona esse *pathos* como a origem imperante do filosofar⁶ e constata, ainda, como Aristóteles na *Metafísica*, deixou claro que “pelo espanto os homens chegam agora e chegaram antigamente a filosofar.”⁷

A natureza desse elemento primeiro, dessa admiração, é destituída da expressão de troca, dos valores de utilidade; nela não cabe senão o desassossego do homem frente a uma natureza assombrosa que o arranca de seu lugar comum e coloca, diante da retina de seus olhos, o espectro da vida constantemente nova porque nunca repetida. Como ver utilidade naquilo que não se repete? Esse *pathos* de admiração primitiva, semente germinal da Filosofia, estava destituído, a princípio, até mesmo da razão que por certo, no decurso de sua afirmação, evocará como condição para sua existência. Nem razão, nem experiência produziram a filosofia, antes, o mais puro dos contatos com a vida em sua primordialidade.

⁵ RILKE, Rainer Maria. *Cartas a um jovem poeta*. Rio de Janeiro/Porto Alegre/São Paulo. Editora Globo, 1961, p.32.

⁶ Heidegger cita o texto original, seguido de sua tradução: é verdadeiramente de um filósofo estes *pháthos* – o espanto, pois não há outra origem imperante da filosofia que este (HEIDEGGER, 1999, p. 37). Algumas traduções, como a de Carlos Alberto Nunes, apresentam o termo “admiração” ao invés de espanto (PLATÃO, 2001, p. 55).

⁷ HEIDEGGER, Martin. O que é a filosofia. In: _____. *Conferências e escritos filosóficos*. Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Nova Cultural, 1999, p.97.

A afirmação da Filosofia, em sua histórica cronologia não constituiu por certo um acordo ininterrupto com o pathos do assombro, ou seja, com a pura gratuidade. Um modo de fazer filosofia tornou-se oficial; reivindicou para si certos ritos e procedimentos, evocou métodos disciplinares, fez-se escola. Estabeleceu critérios com auspícios de verdade para afirmar o mundo, a verdade, a beleza e os valores. Assim, a admiração inicial domada por uma demanda de utilidade tornou-se, em nossos dias, exigência de lógicas calculadas, instância fria de protocolos formativos. O filosofar, agora, no seu tempo de profissionalização, relegou à arca das supostas inutilidades seu élan fundador. O império da produção *exilou* a disposição afetiva fundamental.

Certas notas características nos indicam que os elementos desse exílio podem ser localizados já nos primórdios da Filosofia. Não se trata do essencial ao ato de filosofar em si, pois esse permanece sustentado pelo estranhamento originário. Antes, incomoda uma particular apropriação do que, no decorrer do tempo fez-se, tanto sobre o processo quanto, sobre o produto do ato de filosofar.

É bastante sabido, como nota inicial, o enfrentamento advindo das sutilezas como Heráclito e Parmênides, alicerçaram suas respostas ao espanto primevo. Aquele, tomado pelo assombro viu o fluxo do Ser, este, não menos perplexo, sua imobilidade. A oportunidade do “filósofo obscuro” nos mergulhou numa segurança insegura ao postular que a única sistematização possível era aquela dirigida especificamente ao pathos originário, ou seja, nada se sistematiza uma vez que o devir constante exige sempre a novidade de um olhar; o não ser é o horizonte gerado pela constante luta de contrários. A expressão do “poeta de Eléia”, por sua vez, nos fez próximos da segurança pois desafiou o olhar a ver naquilo que permanece a única condição de sentido: não há devir, tudo permanece e, o

movimento é consequência de falazes opiniões. O enigma obrigou na história, o “Bardo do Avon”⁸ a perguntar: Ser ou não Ser? Reside aqui uma das razões do exílio produzidos pela filosofia.

Outra nota nos faz retornar à época em que os Sofistas desenvolveram suas atividades. Certamente, alguns dentre eles reivindicavam, no contexto de uma expressão pragmática, que o filosofar estivesse a serviço da supressão de necessidades. O diagnóstico feito por Sócrates, Xenofonte e Platão indicou que uma prática sofista cooptou o espanto, transformou o filosofar. Fez dele um modo de utilizar argumentos especiais, refutações sofísticas como dirá, mais tarde Aristóteles. Certos, dentre eles, pontificaram a supremacia da eficácia. Sobre eles recai a acusação feita por Sócrates, conforme se lê no Mênon, de corrupção da juventude. É possível uma outra leitura. Não teria certa utilidade sofista corrompido o pathos inicial do espanto? A utilidade parece ter triunfado sobre o incomodo original produtor do olhar primeiro e postulado, para a posteridade, a expressão de competência mais do que a ex-posição, fundamento do pathos no dizer de Heidegger. Está a filosofia, como uma segunda razão para o exílio, a serviço de um empreendimento técnico e útil?

Do pensamento de Platão recolhemos ainda outra nota. O Filósofo da Academia, na magistral narrativa do mito da caverna expressa o inconveniente de seus prisioneiros. Estes, acorrentados e olhando para o fundo, contemplam sombras e as tomam por realidade. Há certamente entre eles, os que se aventuram no rompimento das cadeias e empreendem uma viagem rumo à luz que fora brilha fulgurante. O mundo físico em oposição ao mundo das ideias. Não há dificuldades para o reconhecimento desses distintos topos. Não é a topografia dos distintos

⁸ Referência ao poeta William Shakespeare.

mundos que faz de Platão o criador da Metafísica mas uma suposta hierarquia entre eles. Se o mundo das Ideias é aquele da verdade, enquanto episteme, é lá que se deseja estar. Mas esse desejo não se resume apenas a um querer, é antes um imperativo. Assim, o mito firmou para sempre uma espécie de incomoda divisão que se ilustra, numa terceira razão para o exílio, pela ânsia de responder ao questionamento: onde estar?

Da pergunta de Aristóteles pela verdadeira natureza das coisas, sobressai ainda uma outra nota a ilustrar o exílio. A particularidade do estagirita se desenha por seu exercício de tornar pensável a natureza no âmbito da noção de ousia, dando-lhe o sentido de substância. Dessa forma, a realidade não deixa de ser ao mesmo tempo em que se submete ao devir e a mudança. Ela encerra em si mesma, de maneira imanente, suas causas e as razões de ser de sua mudança e de seu devir. É na física de Aristóteles que a Ciência grega encontra sua forma mais elaborada e se constitui como um prenúncio do que seria mais tarde, na modernidade, uma ciência do experimento⁹. Claro está que o pensador grego, não dispôs de uma atitude exaustiva para com a natureza, no sentido de submetê-la a uma experimentação sob a perspectiva de cálculos matemáticos e de estratégias metodológicas. Não se trata disso, antes, de uma pretensão perdida nas entrelinhas do espanto originário que alimentou certas convicções a partir do pensador do Liceu, qual seja, a de que há uma racionalidade capaz de entender o perfeito comportamento da realidade. Estaria a filosofia em condições de oportunizar, numa quarta razão para o exílio, a verdadeira compreensão do mundo?

⁹ BLAGA, Lucian. *O experimento e o espírito matemático*. Coleção Filosofia atual. São Paulo, É Realizações. 2014.

Quatro notas distintas. Quatro tempos de um mesmo *phatos* criador. Quatro ordens racionais sobrepostas à admiração originária: O Ser sobre o não Ser; a utilidade prática sobre a licença criadora; a supremacia do mundo das ideias sobre a realidade material e a utopia do perfeito domínio sobre a espontaneidade da natureza. Quatro ideias que não só triunfaram como também se tornaram imperativos de compreensão do modo de ser no ocidente. Quatro forças alicerçadas e vitoriosas pois aglutinadas numa espécie de lógica que poderíamos classificar como identitária e inclusivista.

Essa lógica estabeleceu um certo modo de fazer Filosofia. Eliminou a espontaneidade e criou uma forma procedimental de ação. Elegeu e voltou-se unicamente para um “logos”, enquanto razão partidária que acabou por especializar-se num exercício dominante de redução e, posteriormente, de ocultamento e vulgarização do espanto filosófico inicial. Na marcha da filosofia no Ocidente o imperativo nascido de uma certa afirmação opcional do pensamento especializou-se em criar periferias existenciais. A partir dos gregos, uma apropriação fez da contraposição entre o Ser e o Não Ser, da supremacia da utilidade sobre a liberdade filosófica, da predominância do mundo ideal sobre o mundo real, da perfeita abordagem sobre o descaminho da natureza, a regra para a racionalidade. O que temos como regra? Sensivelmente uma convicção foi, ao longo do tempo, se estabelecendo.

Num primeiro momento, para que o logos hegemônico triunfasse, a sutil arte da reflexão postulou a hegemonia do Ser sobre o Não-Ser e evidenciou o triunfo de Parmênides sobre Heráclito. O Ser É o Não Ser não É. Não cabe esforço para reconhecer a afirmação do Ser como indicador de identidade e operador da normalidade. A marca aclamada do Ser tornou-se critério para o que é bom e digno.

No anseio de conhecer, uma espécie de razão triunfou submetendo. O pathos inicial que expôs o complexo mundo do Ser foi apropriado pela lógica identitária inclusivista e acabou por produzir uma fratura entre os que São e podem e os que Não São e não podem. A civilização repousa hoje sobre o signo da exclusão.

No mesmo compasso, a razão que se tornou hegemônica foi, lenta porém gradualmente, exigindo da filosofia, como entre os Sofistas, um aspecto de utilidade. Algo de racional deveria banir, em definitivo, o "inútil". As estratégias de disciplina cooptaram sua liberdade vital exigindo dela proveitos para, racionalmente, dar crédito ao mundo, à verdade, à valores. Não é suficiente ser impactado pelo mundo é preciso, antes, dar razões dele. A filosofia tem sido requisitada a equiparar-se às demais ciências. Assim, abandonando seu pathos inicial difunde-se pelos imperativos de um mundo que precisa justificar seus investimentos. A sociedade atual exige retornos porque não suporta a gratuidade, não admite, como nos recorda Pietro Barcellona,¹⁰ que "a vida exceda a própria vida".

Mais decisiva se tornou a ruptura e a desvinculação dos mundos que emergiu das descaracterizações do mito da caverna, obra superior de Platão. Somos marcados por uma cisão doentia que, além e opor, cria hierarquias de mundo e nos faz almejar o que não somos e o que não temos. Não podemos nos suportar, não podemos ser felizes, não podemos viver uma vez que esta materialidade a que estamos circunscritos é tomada como imprestável. Não somos daqui. Devemos almejar as coisas do além. Vivemos uma consciência de banimento.

Apresenta-se, ainda, a ingente expectativa triunfalista de termos alcançado em definitivo o graal da natureza. Os auspícios de Aristóteles se espraiam nos

¹⁰ BARCELLONA, Pietro. Elogio del discorso inutile: la parola gratuita. Bari, Dedalo, 2010.

cerimoniais da ciência moderna a pretender um completo domínio sobre o mundo. Não existem os mistérios, apenas alguns segredos que serão, com os protocolos adequados, desvendados com presteza. Somos uma cultura de possibilidades infinitas onde não faltam ilustrações de pleno domínio a qualquer custo.

Se estas são as marcas de um logos hegemônico que se fixou para além do pathos original, cabe-nos a pergunta: Que evocações devem ser dirigidas ao ato de filosofar na instauração de um horizonte de possibilidades libertadoras e de responsabilidades? Qual o futuro da Filosofia? Alguns elementos para podem ser localizados quando:

- a) Devemos recordar que a permanência e a sanidade da Filosofia no fluxo do tempo vindouro manterá afinidade com a convicção de Aristóteles que, no começo da *Metafísica* recorda: "Todos os homens têm por natureza o desejo de saber."¹¹ Não há possibilidade, enquanto humanos, de abdicar do pensamento. A filosofia não desaparecerá uma vez que a condição humana é aquela da perplexidade. No entanto, certas particularidades se fazem imperiosas. Ela não poderá ser uma concessão, não poderá ser migalha será, antes, o pão cotidiano partilhado. Liberta das amarras oficiais, percorrerá as ruas e as praças e estará de novo, como na Grécia de seu nascimento, "nas mãos, nos pés e no espírito".¹²
- b) Convictos da perenidade e de sua ainda necessidade, retomar como nos gregos a gratuidade do exercício filosófico é tarefa urgente. A Filosofia não poderá ser limitada por estruturas que determinem o que lhe é ou não

¹¹ Aristóteles. *Metafísica*. Buenos Aires, Debolsilio, 2004

¹² JAEGER, Werner. *Paidéia a formação do homem grego*. São Paulo, Martins Fontes. 6ª ed. 2ª tiragem, 2018.

apropriado. Os homens, antes do pensamento ordenado, são admiradores. O exercício do ver antecipa o exercício do refletir. A filosofia tem compromisso, antes de tudo, com o olhar que espreita como *primeira vez*; com aquele olhar que se incomoda pois pode, na mudança de perspectiva, retomar aspectos negligenciados. Ver de novo para ver mais e além.

- c) Não caberá à Filosofia um reclame de utilidade. Não há por detrás dela instâncias de lucro. Ela sobreviverá como um manifesto lúcido diante das forças disciplinares e normativas. A filosofia é dessas coisas de fértil inutilidade; não próxima do cálculo ordenador mas do enigma provocante. Não exposta em textos de prosa árida mas naqueles de cumplicidade poética. Ela vingará como antídoto aos sistemas, pois a admiração é infinita, insaciável e alimentará a humanidade em sua busca de sentidos.
- d) A Filosofia terá ainda, na garantia de seu vigor, a expressão do *vate*. Há nela algo de profecia que pelo assombro do inconveniente a faz, na dis-posição inicial, denunciar e anunciar. Por sua constituição original destrona os míopes partidários que reclamam a supremacia de uns sobre os outros. Em sua originalidade denunciante o exercício filosófico, deve romper as distancias entre o pretendido Ser e o negligenciado Não Ser. Ela deverá incomodar tanto na denúncia quanto no anúncio. As marginalidades acumuladas, as periferias existenciais reclamam o pensamento. A filosofia ocupará seu lugar quando sua coragem falar aos instalados quando, de maneira livre, confrontar os iguais com o colorido das diferenças. Não será ela, a filosofia, a nos banir desse mundo, a nos falar de mundos que supostamente nos atraem como idealidades.

- e) A filosofia terá sua fecundidade ainda, quando, na oportunidade dos espaços de limite, nos reconectar com nossas instâncias vitais que não se situam tão somente no além. Só podemos experimentar a intensidade da transcendência se, de maneira intensa, estivermos envolvidos com nossa imanência. Nossa terra, nossa casa, nossa materialidade não são abjetas. A caverna não é nosso desterro, é nosso recôndito. Infrutífero pretender uma verdade que está fora negligenciando a que está no interior. Estranha é a beleza que guarda afinidades com o belo que não nos circunscreve. Superficiais os valores que não se assentem sobre as incômodas presenças de alteridades estranhas. A filosofia deverá nos reconduzir ao “inoportuno” da caverna como nosso lugar de refúgio e de proteção, talvez de regressão e de fuga. A estadia na caverna torna-se, por isso, um lugar propício, talvez duro e doloroso, de reavaliação, de reconciliação com o demasiado estreito e estranho da existência. Descer para emergir, talvez feridos, mas mais fortes. Talvez mais pobres, mas mais ligeiros. A caverna do mundo não é nossa prisão é, antes, condição de nossos significados.
- f) A vitalidade filosófica se estenderá, ainda, quando corajosamente se ater, com esmero, sobre as pretensões de verdade a todo custo. Na revolução tecnocientífica, marca de nossa civilização, o homem hegemônico vive do aqui e do agora, desmancha-se na velocidade de uma história que não deve permanecer, ausenta-se e vive a utopia de uma verdade a qualquer custo. Não se melindra em aportes que rompem os laços com o passado para administrar o futuro. A memória enfraquecida esvazia o sentido do que se foi e, a engenharia dispensada à programação do futuro, empobrece a escolha. A utopia da apropriação da verdade desfigurou o rosto do mistério. Mas que é o

homem senão mistério? A filosofia sobreviverá para gritar como o louco de Nietzsche, não a morte de Deus, mas o necessário sentido do homem que não se deixa aprisionar por esquemas de verdade programada em forças de laboratório. A técnica não poderá adormecer a poesia.

Finalmente, ainda se pode reivindicar que a permanência da filosofia enquanto dis-posição inicial deverá manter viva a fórmula consagrada por Laura CandiOTTO¹³ da "emotion first"¹⁴ A filosofia que prevalecerá deverá prestar atenção a esse lado negligenciado do exercício filosófico uma vez que não somos apenas pensamento e conhecimento mas acima de tudo afetos, sentimentos e paixões. Se projetará com vitalidade a filosofia quando, na esteira das emoções, manter viva e a sintonia do logos com a poesia conforme diligentemente apresentado por Maria Zambrano ao afirmar que "cada una de ellas quiere para sí eternamente el alma donde anida".¹⁵

Referências

ADINOLFI, Isabella e CANDIOTTO, Laura. *Filosofia delle emozioni*. Genova, Il Melangolo. 2019.

ARISTOTELES. *Metafisica*. Buenos Aires, Debolsilio, 2004

BARCELLONA, Pietro. *Elogio del discorso inutile: la parola gratuita*. Bari, Dedalo, 2010

¹³ Conforme ADINOLFI, Isabella e CANDIOTTO, Laura. *Filosofia delle emozioni*. Genova, Il Melangolo. 2019.

¹⁴ Esta fórmula emerge de uma série de escritos fruto das pesquisas conduzidas pela autora, mais especificamente daquela realizada em Marie Curie Individual Fellowship, Horizon 2020. Grant Agreement number 655143.

¹⁵ ZAMBRANO, Maria. *Filosofia y poesia*. Mexico, fondo de cultura económica. 2005.

BLAGA, Lucian. *O experimento e o espírito matemático*. Coleção Filosofia atual. São Paulo, É Realizações. 2014.

HADOT, Pierre. "*La philosophie est-elle um luxe?*", in *Exercices spirutuels et philosophie antique*. Paris, Albin Michel, 2002, p.362-3.

HEIDEGGER, Martin. *O que é a Filosofia*. In: Conferencias e Escritos. Trad. Ernildo Stein. São Paulo, Nova Cultura. 1999.

JAEGER, Werner. *Paidéia a formação do homem grego*. São Paulo, Martins Fontes. 6ª ed. 2ª tiragem, 2018.

RILKE, Rainer Maria. *Cartas a um jovem poeta*. Rio de Janeiro/Porto Alegre/São Paulo. Editora Globo, 1961, p.32.

ZAMBRANO, Maria. *Filosofia y poesia*. Mexico, fondo de cultura económica. 2005.